

Publicada em 13/09/2010 às 09:22

Grandes nomes da literatura brasileira ganham versões de suas obras mixadas com elementos pop

Livia Brandão



RIO - Jane Austen tem passado por um intenso revival pop. A escritora inglesa, morta há quase dois séculos, jamais deixou de vender (muitos) livros, mas agora sua obra conta com a forcinha de artifícios modernos para se recriar. Foi ela que deu início à febre mundial de paródias literárias, que renderam uma versão em que a autora é uma vampira bicentenária ("Jane Austen - a vampira", do selo Lua de Papel da Leya Brasil) e até um filmete intitulado "Jane Austen's fight club" (assista aqui), em que a personagem Elizabeth Bennet comanda um clube da luta como o criado por Chuck Palahniuk e filmado por David Fincher em 1999.

Seguindo os mesmos princípios, os americanos Seth Grahame-Smith e Ben H. Winter foram responsáveis pela inusitada mistura de "Orgulho e preconceito" e "Razão e sensibilidade" com zumbis e monstros marinhos (Editora Intrínseca). Esses *mashups* literários, um tipo de renovação pouco ortodoxa de grandes clássicos, inspiraram versões brasileiras que se apoiam em cânones da nossa literatura e acabam de chegar às prateleiras. Aqui, é Machado de Assis a nossa Jane Austen de bigodes. Se estivesse vivo, o Bruxo do Cosme Velho veria Bentinho e Capitu em meio a ETs, Simão Bacamarte investigando mutantes e Brás Cubas vivendo como um zumbi sanguinário.

Leia trechos dos mashups literários brasileiros

Em "Memórias desmortas de Brás Cubas" (Tarja), Pedro Vieira buscou atualizar a trajetória do defunto autor que, por suas mãos, tornou-se um morto-vivo. Já "Dom Casmurro e os discos voadores" e "O alienista caçador de mutantes" (Lua de Papel) inserem sci-fi em meio às tramas originais, fazendo com que os escritores Natalia Klein e Lucio Manfredi se tornassem coautores de Machado.

- Eu só não gostaria de encontrá-lo na rua - brinca Natalia, que se viu às voltas com a árdua tarefa de macular um dos seus livros preferidos fazendo referência a elementos hoje corriqueiros como Facebook, Twitter e disquete-pizza, mas que jamais fariam parte do universo de Machado de Assis. Assim como miolos, sangue e terror.

- "Memórias póstumas de Brás Cubas" era a escolha mais óbvia para escrever um livro deste tipo. Machado deu a deixa para uma história de zumbis ao criar um personagem que se autodenomina defunto autor - justifica Vieira - Em "Memórias desmortas", o famoso emplastro de Brás Cubas foi o responsável por sua "zumbificação", e ele esbarra em outros personagens machadianos, que são devidamente devorados e transformados em mortos-vivos.

Mas não pense o leitor que a brincadeira para em Machado: Outros dois lançamentos da Lua de Papel são "A escrava Isaura e o vampiro", em que Jovane Nunes emprestou o apelo pop dos bebedores de sangue de dentes afiados à trama de Bernardo Guimarães, e "Senhora, a bruxa", uma "parceria" de Angélica Lopes e José de Alencar.

Na escola, os adolescentes têm que ler livros escritos para adultos há um século ou mais. Isso cria uma barreira entre eles e os autores.

[Ajuda](#) - [Política de privacidade](#) - [Termos de uso](#) - [Fale com o Extra](#) - [Expediente](#)

© 1996 - 2010 Todos os direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A.
Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização.